Revista Práticas Pedagógicas Colaborativas:
Construindo Saberes e Compartilhando Experiências
Araquari/SC – Publicação Colaborativa de Professores e Pesquisadores
Edição nº 2 - Ano 2025 - ISSN (em processo de registro)

RAÍZES QUE CONTAM HISTÓRIAS: IDENTIDADE, ANCESTRALIDADE E A BELEZA DE SER QUEM SOMOS

André Luís Vicente[1]
Gilmara Marques da Silva[2]
Bruna Gabriel da Costa Nascimento[3]
Bruna Dabriane Coelho Jablonsky[4]
Catia Becker Branco[5]
Elzanira Morais de Abreu[6]
Ariangelo Hauer Dias[7]

Como uma pergunta diante do espelho transformou uma sala de aula em um ateliê de identidades, conectando crianças de 5 anos à riqueza da cultura afro-brasileira e indígena.

O INÍCIO DE TUDO: UM OLHAR NO ESPELHO

O projeto "Raízes que Contam Histórias" não nasceu de uma exigência burocrática, mas de uma necessidade humana fundamental: a de se reconhecer. Tudo começou com uma

[1] Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEI) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Especialização em Práticas na Sala de Aula pela Faculdade UNINA (Curitiba/PR). Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).
[2] Graduação em Pedagogia – Uniasselvi. Pós-graduação em Educação Infantil, Anos Iniciais e Educação Inclusiva – UNIBF. Pós-graduação em Gestão Escolar, Supervisão e Coordenação – UNIBF. Cursando 2ª licenciatura em Educação Física e Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica – UNIFAHE.
[3] Graduação em Pedagoga - Uniasselvi. Pós-graduação em Psicopedagogia - Censupeg. Professora de Educação Infantil do Cei Criança Bela.
[4] Graduação em Pedagogia - Uniasselvi. Pós-graduação em Educação Infantil e Administração Escolar – Uniasselvi.
[5] Graduação em Pedagogia – Uniasselvi. Pós-graduação em Educação Infantil, Anos Iniciais e Gestão Escolar - Faculdade Dom Bosco. Professora de Educação Infantil do Cei Criança Bela.
[6] Graduação em Pedagogia – Uniderp.
[7] Professor Dr. da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Graduação em Engenharia Civil pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1986). Graduação em Bacharelado em Informática pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1989). Mestrado em Economia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001). Doutorado em Automação Agrícola (Energia na Agricultura) pela Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho (2007). Professor assistente da Universidade Estadual de Ponta Grossa atuando na área de Engenharia da Computação, com ênfase em Software Básico, principalmente nos seguintes temas: inovação tecnológica, automação, sistemas embarcados e lógica fuzzy. No âmbito administrativo da Universidade Estadual de Ponta Grossa responde pela Pró-Retoria de Assuntos Administrativos e ministra aulas para o curso de Engenharia de Computação. Na área acadêmica também faz parte do quadro de professores permanentes do Mestrado em Informática Aplicada da Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Centro de Educação Infantil Bruno de Magalhães, Araquari/SC. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

pergunta silenciosa diante do espelho na Dinâmica da Identidade. Ao convidarmos as crianças a observarem seus traços, cabelos e tons de pele, percebemos que a curiosidade sobre "quem sou eu?" pulsava forte.

Foi a partir desse encontro com a própria imagem, e inspirados pela leitura de "Com qual penteado eu vou?", que decidimos transformar a sala de aula em um ateliê de identidades. As crianças não apenas se olharam, mas misturaram tintas: azul, vermelho, amarelo, branco, em uma alquimia encantadora para descobrir, na prática, como criar o tom exato da sua pele e a do colega. Ali, entre pincéis e descobertas, nascia a semente de um projeto sobre pertencimento.

Figura 1 - A alquimia das cores: descobrindo na prática a beleza dos diferentes tons de pele

Fonte: dos autores.

COMO ACONTECEU: TECENDO SABERES

Durante o mês de novembro, as turmas Pré 2C, Pré 2D e Pré 2E derrubaram as paredes das salas para trabalhar de forma integrada. O objetivo era claro: ampliar a compreensão sobre diversidade cultural em diálogo vivo com as Leis 10.639/03 e 11.645/08 e a Matriz curricular para educação do município.

A mecânica do projeto foi multissensorial. Não bastava falar sobre a cultura; era preciso senti-la. As crianças transitaram por vivências que envolveram desde a contação de

histórias ancestrais até a modelagem em argila, passando pela confecção de turbantes e a experimentação de ritmos africanos.

RELATOS E VIVÊNCIAS: A FORÇA DA ANCESTRALIDADE

Dois momentos marcaram profundamente a memória afetiva das turmas, revelando a potência das narrativas bem escolhidas. Ao ouvirem a história de "O Tesouro de Monifa", as crianças compreenderam que o maior tesouro que alguém pode ter não é ouro, mas sua herança cultural e sua identidade.

Mas foi com a história da Boneca Abayomi que a emoção tomou conta. Ao descobrirem que mulheres escravizadas rasgavam as próprias saias nos navios para criar bonecas e acalentar seus filhos, os pequenos ficaram encantados. Aquela boneca de nós e retalhos tornou-se, para eles, um símbolo palpável de resiliência, afeto e força materna.

Figura 2 - Mãos que constroem história: a confecção das bonecas Abayomi e a descoberta da resiliência através do afeto

Fonte: dos autores.

A ARTE DAS MÃOS E O RITMO

A turma Pré 2D mergulhou na construção material da cultura. Eles confeccionaram o Kabuletê (instrumento musical) e bonecas africanas, utilizando tecidos e elementos tradicionais. Já na atividade inspirada em "Os Dengos na Moringa de Voinha", as mãos pequenas moldaram o barro, conectando-se com a terra e com os saberes de gerações passadas.

O projeto reafirmou que a Educação para as Relações Étnico-Raciais deve começar na infância. Ao explorarem brincadeiras tradicionais como *Banyoka* (Zâmbia) e *O Silêncio é de Ouro* (Egito), as crianças não estavam apenas brincando; estavam aprendendo que o mundo é vasto e que cada cultura tem seu valor.

Figura 3 - Cultura em movimento: brincadeiras tradicionais e confecção de máscaras ampliam o repertório cultural

Fonte: dos autores.

O GRANDE ENCONTRO: UM PIQUENIQUE DE PARTILHAS

Para encerrar esse ciclo de descobertas, realizamos um grande piquenique coletivo de integração. Foi uma celebração da convivência. O gramado da escola se tornou palco de trocas:

as crianças exibiram suas máscaras e instrumentos, e a turma Pré 2C assumiu o protagonismo ao ensinar uma música africana para os demais colegas.

A música "Olélé Moliba Makasi", que ecoou durante o projeto explorando ritmos e movimentos, ganhou coro uníssono. Ali, entre lanches e canções, consolidamos o maior aprendizado de todos: o de que a escola é, antes de tudo, um lugar de encontro, afeto e construção de uma humanidade mais justa e colorida.

Figura 4 - Integração e celebração: o piquenique coletivo uniu as turmas em torno da música, da partilha e do respeito à diversidade

Fonte: dos autores.